

Autor bestseller de Encantamento e A Arte da Startup

Guy Kawasaki

Histórias
inspiradoras
do ícone de
Silicon Valley

WISE GUY

Lições de uma Vida

v o g a i s

*Para a minha mulher, Beth,
a minha maior fonte de sabedoria*

«O que deixamos para trás
não é o que fica gravado em monumentos de pedra,
mas o que fica entretecido nas vidas dos outros.»

PÉRICLES

Índice

Prefácio	11
Como Este Livro Está Organizado	13
<i>Mahalo</i>	15
1 Imigração	17
2 Educação	27
3 Inspiração	43
4 Apple	71
5 Negócios	99
6 Valores	127
7 Paternidade	155
8 Desporto	173
9 LOL	193
10 Competências	213
11 <i>Ohana</i>	235
Pós-parto	259
Leituras Recomendadas	263
Índice Remissivo	265

Prefácio

«As pessoas pensam que são elas quem dá forma às histórias.
Na verdade, é exatamente o contrário.»

TERRY PRATCHETT

Antes que pergunte, ou sequer se interrogue sobre o assunto, isto não são as minhas memórias ou a minha autobiografia. É uma compilação das histórias que mais luz trouxeram à minha vida. São lições de vida, não uma história pessoal.

As minhas histórias não narram acontecimentos épicos, trágicos ou heroicos, pois não foi esse o rumo que a minha vida seguiu. Também não relatam uma ascensão rápida e meteórica. Uma decisão. Um fracasso. Muito trabalho. Um sucesso. O meu objetivo não é impressioná-lo, é educá-lo.

Do fundo do meu coração, espero que as minhas histórias o ajudem a viver uma vida mais feliz, produtiva e com sentido. Se este livro for capaz disso, será essa a melhor história de todas.

*Guy Kawasaki
Silicon Valley, Califórnia, 2018*

Como Este Livro Está Organizado

«A consistência é contrária à natureza, contrária à vida.
As únicas pessoas inteiramente consistentes são os mortos.»

ALDOUS HUXLEY

A sequência deste livro segue uma lógica mista, em parte cronológica, em parte temática. Não é puramente cronológica porque a aquisição de sabedoria não é um processo rápido ou linear.

A maior parte do livro obedece ao seguinte formato: uma história seguida das lições de sabedoria nela contidas. Aqui e ali afasto-me deste formato, e é importante para mim que saiba que esta inconsistência não é produto de uma escrita desleixada ou de uma edição descuidada.

Cada pérola de sabedoria é assinalada pelo símbolo *shaka*, que é mais ou menos assim: . O *shaka* é um gesto havaiano e de surfista que se traduz pelas expressões havaianas «*aloha*» (olá, ou adeus), «*mahalo*» (obrigado) ou, simplesmente, «tudo bem» ou «é isso mesmo», dependendo do contexto.

Por último, detesto *bugs*, e, 15 livros volvidos, sei bem que por muito meticolosos que sejam o autor e o editor, há sempre gralhas que nos escapam. Peça-lhe, por favor, que me envie um e-mail para GuyKawasaki@gmail.com a informar-me de qualquer erro que encontre, ou então, ainda melhor, para me dar o seu feedback quanto ao livro.

Mahalo

«Sentir gratidão sem a exprimir é o mesmo que embrulhar
uma prenda e não a dar a ninguém.»

WILLIAM ARTHUR WARD

Jennifer Barr, Courtney Colwell, David Deal, Marylene Delbourg-Delphis, Moira Gunn, Bruna Martinuzzi, Terri Mayall, Will Mayall, Craig «Big Wave» Stein, Kirsten Tanner e Shawn Welch ajudaram à conceção inicial deste livro.

Rick Kot ajudou-me com o seu toque delicado no processo de edição. Rainer Hosch e Marc Silber tiraram as belas fotografias que Christopher Sergio usou para fazer uma bela capa. Norma Barksdale fez com que tudo combinasse.

Cathy Chong, Lori Couderc e Suzan Liggett deram-me uma ajuda insubstituível na pesquisa de informação e verificação de factos. Não há nada como escrever um livro para descobrir o pouco que sabemos.

Estas pessoas ofereceram-se para ler e comentar as primeiras versões do meu manuscrito e descobriram mais de mil maneiras de melhorar este livro:

<i>Michael Bomhoff</i>	<i>Swati Khurana</i>
<i>Kris Bondi</i>	<i>Ruth Lund</i>
<i>Susan Bouvette</i>	<i>Todd Lyden</i>
<i>Bukanla Boyd</i>	<i>Svetlana Maklakova</i>
<i>Stephen Brand</i>	<i>Chuck Marecic</i>
<i>Buzz Bruggeman</i>	<i>Howard Miller</i>
<i>S. Chowdhary</i>	<i>Donna Mills</i>
<i>Karen Coppock</i>	<i>Kimberly Moore</i>
<i>Jerry Crisci</i>	<i>Leslie Morgan Nakajima</i>
<i>Tom Curtis</i>	<i>Randee Napp</i>
<i>Benoît H. Dicaire</i>	<i>Ryan O'Mara</i>
<i>Glendalynn Dixon</i>	<i>Cory Ondrejka</i>
<i>Papasavvas Elias</i>	<i>Anitha Pai</i>
<i>Andres Elizalde</i>	<i>Santino Pasutto</i>
<i>Doug Erickson</i>	<i>Klemen Peternel</i>
<i>Teresa Esola</i>	<i>Emily-Anne Pillari</i>
<i>Hendrik Eybers</i>	<i>Matthias Rönsberg</i>
<i>Rob Ferguson</i>	<i>Sérgio Rosa</i>
<i>Daniel Fryda</i>	<i>Jadeep Shah</i>
<i>Cailey Gibson</i>	<i>Parker Sipes</i>
<i>Roger Haller</i>	<i>Patrick Slattery</i>
<i>Pérez Herrera</i>	<i>Naga Subramanya</i>
<i>Abdul Jaleel</i>	<i>Maja Vujovic</i>
<i>Jennifer J. Johnson</i>	<i>Dan Waite</i>
<i>Beth Kawasaki</i>	<i>Pérez Herrera Walevska</i>
<i>Nic Kawasaki</i>	<i>Lisa Westby</i>
<i>Dori Kemker</i>	<i>Bill Whiteside</i>

O Stack's de Menlo Park, o Stack's de Redwood City, o Coffeebar de Menlo Park, o Cat and Cloud, o Cliff Café, o Verve, o Kaito, o Harbor Café, o East Side Eatery e o The Buttery ofereceram-me espaço crucial para comer, beber e trabalhar.

Um grande MAHALO a todos.

1

Imigração

«Sim, nós podemos. Assim cantaram os imigrantes quando partiram de terras distantes e os pioneiros que abriram caminho para oeste contra a natureza impiedosa.»

BARACK OBAMA

Descendo de uma longa linhagem de sonhadores. A minha história começa com a emigração dos meus avós do Japão para o Havai, em busca de uma vida melhor para si e para os seus filhos. Vou ter de me alongar sobre esta história por algumas páginas, pois tudo foi fruto dessa decisão.

Do Lado do Meu Pai

Os meus bisavós paternos imigraram para o Havai vindos de Hiroxima entre 1890 e 1900. Isto teve lugar perto do fim do período Meiji, marcado por dois grandes conflitos: a Primeira Guerra Sino-Japonesa e a Guerra Russo-Japonesa. Nessa altura, os jovens japoneses do sexo masculino eram obrigados a prestar serviço militar.

Em vez disso, os meus bisavós imigraram para o Havai, onde trabalharam como mão de obra assalariada na Hakalau Plantation

Company, 25 quilómetros a norte de Kona, na Ilha Grande. Pode dizer-se que descendo de uma família de desertores. Afinal, é mais seguro trabalhar na colheita do açúcar no Havai do que invadir a China ou a Rússia. É certo que só recebiam 1 dólar por dia, mas a escolha era óbvia.

Por fim, os meus bisavós foram da Ilha Grande para Honolulu, e ali tiveram três filhos: a minha avó Alma, Katherine e Harry. Estes irmãos foram a primeira geração Kawasaki de americanos, pois o Havai era então um território dos Estados Unidos. Só andaram na escola até ao 8.º ano.

Em Honolulu, Alma casou-se com Yonetaro Kawasaki, com quem teve cinco filhos: o meu pai, Duke, a minha tia (Mildred) e os meus tios (Harry, Harold e Richard). De acordo com o censo federal de 1940, Yonetaro era um motorista desempregado — talvez isto explique a minha paixão por automóveis, de que falarei mais à frente. Yonetaro pode ainda ter estado numa lista de vigilância do FBI por causa das viagens que fez ao Japão sob vários nomes diferentes.

Alma morreu de complicações no parto. Aos 19 anos, a minha tia-avó, Katherine, ocupou-se das responsabilidades maternas de Alma ao mesmo tempo que trabalhava como empregada doméstica. Teve de ser mãe de quatro crianças que iam dos 2 aos 10 anos. Ao longo da minha infância, foi ela, de facto, a minha avó paterna.

Curiosamente, também foi Katherine quem inculcou em mim, para toda a vida, a bondade para com os animais. Quando andava na primária, matei um pássaro *mejiro* com uma pressão de ar; este pássaro também era um imigrante do Japão. Katherine fez-me sentir pessimamente por o ter matado. Desde esse dia, nunca mais matei animais, a não ser ratos e peixes — embora mais à frente eu fale da minha participação numa caçada ao javali.

O meu pai começou a trabalhar aos 14 anos para sustentar a família. Completou a escola secundária mas não se licenciou, embora tenha frequentado durante algum tempo a Faculdade Berklee de Música, em Boston. Na adolescência, o meu pai adorava música.

Tocava piano, saxofone, flauta e clarinete. Até fundou uma banda de *jazz*, chamada Duke Kawa's, e tornou-se amigo de Guy Lombardo, o famoso líder de banda de *jazz* canadiano. Em honra desta amizade, os meus pais deram-me o nome Guy. Felizmente não me batizaram em honra do irmão de Guy: Carmen.

O meu pai era um homem inteligente e entusiasta que adorava ler. As prateleiras da nossa casa estavam cheias de clássicos, ao lado da *World Book Encyclopedia*. Dizia-me muitas vezes que nunca íamos ter falta de dinheiro para comprar livros. Ambos os meus pais sabiam que não ter uma educação universitária limitava o potencial de rendimento e as opções de uma pessoa. Eles próprios tinham tido dificuldades, e foi por isso que deram tanta ênfase à educação da minha irmã, Jean, e à minha.

Mais tarde, o meu pai foi estivador e bombeiro, e como em ambos os empregos passava longos períodos sem nada para fazer, foi estudando para se tornar agente imobiliário. Contudo, o seu profundo sentido de dever cívico levou-o a entrar na política. Concorreu três vezes ao senado estatal do Havai antes de ser eleito, e ocupou o cargo durante aproximadamente 20 anos.

Era um liberal de esquerda convicto, que queria ajudar o «homem comum». Por exemplo, criou o Gabinete do Provedor para investigar queixas de cidadãos relativas à atividade das agências executivas ao nível do estado e dos condados. No dia do funeral do meu pai, as bandeiras do governo estadual do Havai foram desfraldadas a meia-haste.

Do Lado da Minha Mãe

O meu avô materno, Chikao Hirabayashi, nasceu no Japão em 1893. A minha avó materna, Tomoyo Jike, nasceu em Kohala, no Havai, em 1898. Tiveram sete filhos: Lucy, a minha mãe, e ainda Jean, Elsie, Marian, Richard, Ellen e Harriet.

Tal como o meu pai, a minha mãe não frequentou a universidade. No entanto, vinha de uma família com posses, pelo que em 1939 foi estudar para Yokohama, no Japão. Felizmente, regressou ao Havai num dos dois últimos navios que voltaram antes do ataque japonês a Pearl Harbor, em 1941.

A minha mãe era uma dona de casa que dedicou a vida à família. Comi em todos os cantos do mundo, mas nada se compara ao seu guisado de carne, ao bolo de gelado de goiaba e *tsukemono* (picles de vegetais). Era pequenina, tinha menos de 1,50 metros de altura, mas tinha uma força imensa. Foi ela, e não o meu pai, quem me ensinou a não aturar faltas de respeito.

A minha mãe adorava a minha irmã Jean e a mim de alma e coração, e demonstrou-o dedicando toda a sua vida adulta à nossa felicidade. Também me ensinou algo que ficou comigo para a vida: o mandamento de «deixar um lugar mais arrumado do que estava antes de por lá passar». É por isso que sou obcecado com a arrumação, a um ponto quase obsessivo-compulsivo.

Crescer no Havai

A minha família vivia em Kalihi Valley, uma zona pobre de Honolulu. Se alguma vez for do Aeroporto Internacional de Honolulu em direção a Kanehoe pelo túnel Wilson, terá de passar pela minha casa de infância. Naquela altura, Kalihi Valley era habitada por havaianos, filipinos, samoanos, japoneses e chineses da classe trabalhadora.

Havia poucos brancos, a quem os moradores locais chamam, pejorativamente, *haoles*. Os nossos vizinhos eram empregados de lojas, contínuos e operários, pelo menos os que tinham emprego. A nossa casa ficava perto de um bairro de habitação social. Eu raramente lá ia, porque era nipo-americano e a maior parte dos habitantes era havaiana e samoana. Miúdos japoneses simplesmente não entravam naquele bairro.

A minha irmã, Jean Okimoto, tem mais quatro anos do que eu. Foi ela quem ficou com o talento artístico da família, incluindo a capacidade de transformar bocados de papel em obras de arte — os *origamis*. Admito sem reserva que tem maiores dotes intelectuais do que eu.

Tive uma infância feliz nesse paraíso e caldeirão cultural que é o Havai. Não tive de lidar com pobreza nem com preconceitos. Tive uma vida boa porque os meus pais trabalharam muito e investiram no futuro dos filhos em vez de guardarem o dinheiro para si.

Lições



Se estiver a perder, mude o jogo. Não fique à beira do rio à espera de que um pato assado lhe voe boca adentro (como diz um provérbio chinês). Tenha iniciativa. Tome decisões. Mude uma situação desesperada ou estagnada. Por outras palavras, mude-se para um país, estado, cidade ou bairro onde haja mais oportunidades.

Vir para o Havai mudou completamente o futuro da minha família. Se os meus avós não tivessem tomado essa decisão, eu seria um assalariado numa grande empresa japonesa. Ou então não existiria de todo, já que a família do meu pai vivia em Hiroxima durante a Segunda Guerra Mundial.

Sem as oportunidades, a educação e a mobilidade social possibilitadas por viver na América, a vida das gerações seguintes da minha família teria sido bem diferente devido à falta de oportunidades no Japão. A minha família e eu devemos tudo aos Estados Unidos da América.



Lembre-se das oportunidades que lhe ofereceram. Depois de ter sucesso, ofereça oportunidades aos outros. Estará

a honrar as pessoas que vieram antes de si ao ajudar as pessoas que vêm a seguir.



Documente a história da sua família enquanto os seus pais e avós ainda estão vivos. Foi-me difícil reconstruir a minha história familiar, e ainda há grandes lacunas na informação que recolhi. O [ancestry.com](https://www.ancestry.com) é um bom recurso, mas não é perfeito.



Segunda fila, da esquerda para a direita: Harold Kawasaki (tio), Duke Kawasaki (pai), Harry Tomita (tio-avô) e Richard Kawasaki (tio). Fila da frente, da esquerda para a direita: Mildred Harada (tia), Yonetaro Kawasaki (avô) e Katherine Haruo (tia-avó).



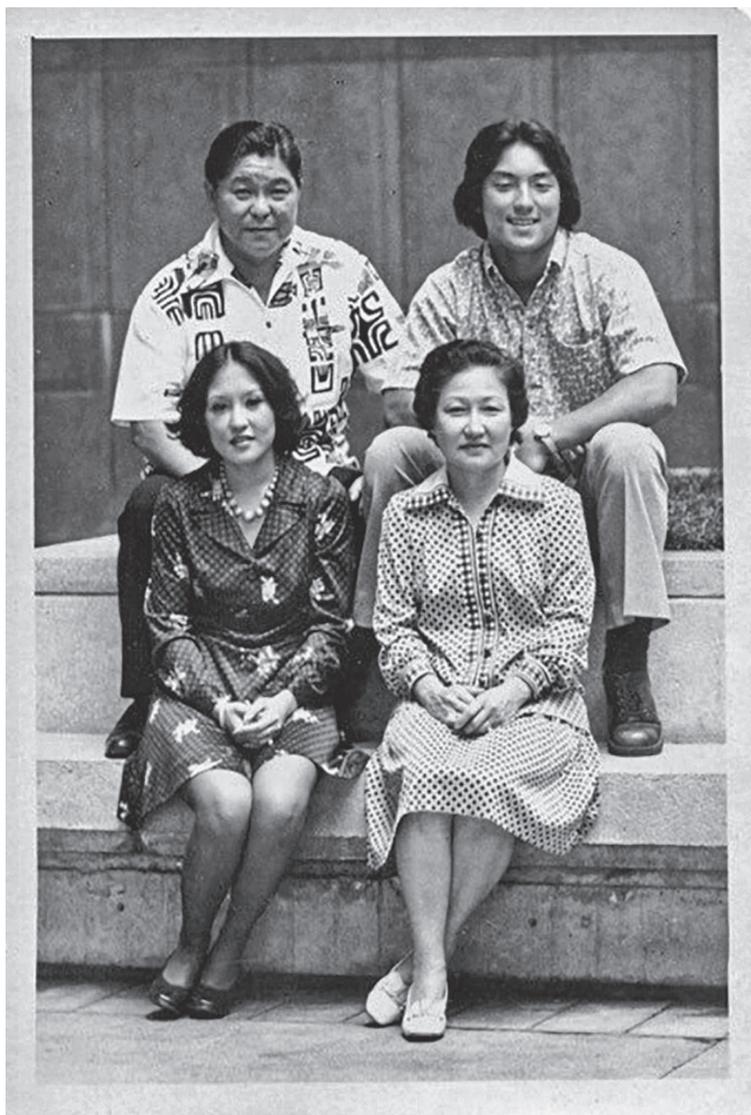
Fotografia de casamento dos meus pais.



Da esquerda para a direita: Carmen Lombardo, o meu pai, Guy Lombardo (o meu homónimo) e a minha mãe.



A casa da minha infância em Kalihi Valley. Esta fotografia foi tirada depois de uma enorme remodelação. Enquanto lá vivi, nunca teve tão bom aspeto.



A minha família, por volta de 1972. Esta fotografia foi tirada no edifício do capitólio do Havai onde o meu pai trabalhou como senador estatal.

2

Educação

«A função do educador moderno não é desbravar selvas,
mas irrigar desertos.»

C. S. LEWIS

A minha vida é testemunho de uma verdade fundamental: a educação é um grande catalisador e equalizador. A minha educação, tornada possível graças aos sacrifícios feitos pelos meus pais, começou num bairro pobre de Honolulu e acabou em Los Angeles, na Califórnia, com uma paragem crucial em Palo Alto, também na Califórnia.

Uma Só Pessoa Pode Fazer Toda a Diferença

Completei o ensino básico numa escola pública, a escola primária de Kalihi — os edifícios amarelos do lado *ewa* (oeste) da autoestrada Likelike. O meu percurso formativo, em circunstâncias normais, ter-me-ia levado da escola primária de Kalihi à escola básica de Kalakaua, seguida da escola secundária de Farrington e da Universidade do Havai. Depois da universidade, teria, então, ingressado ao mercado de trabalho nos setores das vendas, do turismo ou da agricultura.

Contudo, não foi esse o percurso que segui, tudo porque uma professora minha do 6.º ano, Trudy Akau, disse aos meus pais que

eu tinha demasiado potencial para continuar no sistema público de ensino. Insistiu que eu me candidatasse a colégios privados — especificamente, Punahou e ‘Iolani.

A recomendação de Akau mudou o rumo da minha vida.

Punahou foi a escola frequentada pelo presidente Barack Obama. Eu fui para ‘Iolani. Ficava a 13 quilómetros da nossa casa e custava 1250 dólares por ano, o que, com a inflação, equivaleria a 8000 dólares em 2018. Os meus pais ganhavam uns modestos 20 mil dólares por ano, pelo que era difícil para eles amealhar aquela quantia.

A recomendação feita por Akau alterou a trajetória da minha vida. Se não tivesse convencido os meus pais a matricular-me em ‘Iolani, não teria ido para Stanford. Se não tivesse ido para Stanford, não teria conhecido o indivíduo que me despertou o interesse por computadores e que me arranjou um lugar na Apple.

Lições



Seja como Trudy Akau. Interesse-se pelos outros. Saia da sua zona de conforto para os ajudar e aconselhar. Uma pessoa interessada mudou a trajetória da minha vida. Pode fazer o mesmo com outras pessoas.



Aceite os conselhos de pessoas como Trudy Akau. Professores, treinadores, psicólogos e sacerdotes escolheram sê-lo porque querem ajudar outras pessoas. Em geral, o que os motiva é fazer o melhor para si. Ouça o que têm para dizer.

 Agradeça às Trudy Akaus da sua vida antes que seja tarde demais. Nunca lhe comuniquei a minha gratidão, pois morreu antes de eu ter compreendido a profunda influência que teve na minha vida. Esta falha é das coisas de que mais me arrependo.

 Se for professor, treinador, padre, pastor, rabi ou se tem qualquer outro cargo com influência sobre outras pessoas, esteja consciente de que está, nas palavras de Steve Jobs, a «deixar uma marca no Universo». Pode só afetar uma pessoa de cada vez, e apenas algumas ao longo de toda a vida, mas cada marca conta.

Não se engane: está a fazer o trabalho de Deus.

Os Professores Mais Duros São os Melhores

Antes de ler esta secção, pense nos melhores professores que teve — em qualquer altura, de qualquer disciplina. Olhe bem para o espaço que ocupam na sua mente e perceberá o verdadeiro impacto do que lhe vou dizer.

Aos 14 anos, ingressei no 7.º ano em ‘Iolani. Era um colégio privado de confissão episcopal que oferecia educação desde a pré-primária até ao 12.º ano. Enquanto lá estive, era uma escola só para rapazes, com 150 alunos finalistas todos os anos.

Em retrospectiva, ‘Iolani foi uma experiência excelente. Tive muitos professores (Charles Proctor, Joseph Yelas, John Kay, Dan Feldhaus e Lucille Bratcher), treinadores (Edward Hamada, Charles Kaaihue e Bob Barry) e funcionários (William Lee e David Coon) que me ensinaram a pensar, a trabalhar afincadamente e em equipa.

Estava convencido de que tinha tido boas notas no secundário, mas encontrei o meu boletim da disciplina de Inglês do 9.º ano. Mostro-o aqui; ao que parece, tenho uma memória mesmo seletiva!

Felizmente, lá consegui passar em Inglês Avançado e tornei-me aluno de Harold Keables.

De todos os funcionários e professores da escola de 'Iolani, foi Keables quem mais me marcou. Foi meu professor de Inglês de Nível Universitário — e foi o professor mais duro que tive em qualquer nível de escolaridade. Foi o mais exigente, e foi quem mais me ensinou. (Há nisto uma relação causal.)

Espero que tenha tido pelo menos um Harold Keables na sua vida. Ensinou-me a elevar os meus padrões de exigência e a valorizar o trabalho árduo. Por exemplo, eis como nos ensinava a escrever:

- Assinalava com um círculo os erros que tínhamos dado nas composições.
- Copiávamos a frase tal como a tínhamos escrito.
- Citávamos a regra que tínhamos violado de acordo com *Good Writing: An Informal Manual of Style*, de Alan Vrooman.
- Reescrevíamos a frase corretamente.
- Entregávamos este exercício como trabalho de casa, na esperança de termos acertado à segunda.

Eram os anos 1970 — muito antes de haver computadores pessoais e processadores de texto, pelo que tínhamos de escrever tudo à mão com uma caneta. Como cada erro nos obrigava a passar por todas as etapas daquele processo, aprendíamos depressa as regras da ortografia e da gramática. Bastava ter de corrigir algumas composições. Keables é responsável pelo meu desprezo pela voz passiva e pelo meu amor pela aplicação da vírgula nas enumerações, na língua inglesa.

Cheguei a ler o *The Chicago Manual of Style* de uma ponta à outra porque Keables inspirava em nós uma enorme atenção ao pormenor. Ao editar os meus livros, e também graças à sua influência, ataco o que escrevi com a função de busca do Microsoft Word:

- O verbo «ser» é um sinal de alerta para o uso da voz passiva, e a voz passiva é fraca. Ser é não ser.
- «Muito» não é preciso — quanto é que é «muito»? Quão escuro é «muito escuro»? E «muito rápido»? Ou «muito assustador»? Um escritor dependente do «muito» não é lá muito bom.
- Os advérbios são para os fracos, pelo que limpo o texto de palavras acabadas em «mente». O que é fazer algo rapidamente? Suavemente? Ricamente?

Harold Keables, eras o maior!

**[...] não se pode medir o impacto de um professor
antes de passarem 20 anos...**

Lições



Procure pessoas que o desafiem. Aprenderá mais assim do que com pessoas que o julgam por padrões menos exigentes. Anos mais tarde, perceberá que os professores e os patrões mais difíceis foram também aqueles com quem mais aprendeu. O ferro afia-se com ferro.

No meu caso, Keables e Steve Jobs pertencem a esta categoria. (Tenho muito mais a dizer sobre Steve Jobs mais à frente.) Se não fossem estas duas pessoas, seria menos exigente para comigo e, em consequência, não teria conseguido tanto.



Se estiver em posição de influenciar outras pessoas, como professor, gestor ou treinador, seja duro. Não lhes está a fazer favores se baixar os seus padrões de exigência e as

expetativas só para ser simpático ou popular. A simpatia imediata tem custos a longo prazo.



Seja paciente. Eu não era dos melhores alunos de Keables. Provavelmente, ele estará lá em cima muito surpreendido por ter sido eu a escrever 15 livros. Um professor nunca sabe qual dos seus alunos vai assimilar e dar uso ao que lhe ensinou. Pode levar algum tempo — não se pode medir o impacto de um professor antes de passarem 20 anos —, mas às vezes acontece.



Agradeça a quem o ajudou a conseguir algo na vida antes que eles desapareçam, tal como recomendei relativamente a Trudy Akau. Se deixar passar a oportunidade, vai lamentá-lo.

Um Bocadinho de Medo Só Faz Bem

Tive três outras experiências na juventude que me ensinaram a respeitar os adultos e a não fazer asneiras. A primeira aconteceu na primária, numa visita de estudo à base de mísseis Nike (nada a ver com o fabricante de ténis), em Kahuku, no Havai.

Depois da visita, o exército ofereceu-nos o almoço, e eu deixei cair um bocado de arroz no chão. Peguei nele, e estava prestes a deixá-lo cair outra vez quando um oficial, numa voz autoritária e intimidante, estilo sargento de instrução, me disse: «Não atires isso ao chão. Pega nisso e vai guardar o teu tabuleiro.» Pregou-me um susto valente e eu passei a ter muito respeito por pessoal fardado.

O segundo incidente formativo aconteceu quando o meu pai me levou ao seu posto de trabalho no gabinete de alarmes do Quartel de Bombeiros de Honolulu. Era a partir dali que saía a ordem de envio de viaturas quando alguém os informava de um incêndio.

Certo dia, depois das aulas, enquanto estava à espera do meu pai, ativei um alarme para ver o que acontecia. Aquela caixa de alarme era só para demonstrações, mas eu não o sabia. O meu pai convenceu-me de que por causa de mim vários bombeiros tinham deslizado pelo poste em direção às viaturas e corrido para responder ao incêndio.

Também me disse que fazer soar um falso alarme era crime, e que a polícia podia vir atrás de mim. O meu pai e os amigos riram-se à minha custa, mas a experiência fez de mim um meducas com aversão pela violação das regras. A lição provavelmente ajudou-me a evitar muitos dos disparates normalmente instigados pelo cérebro reptiliano de um adolescente.

A terceira experiência passou-se em 'Iolani. A única vez que me meti em apuros no secundário foi quando convenci um colega a baldar-se às aulas comigo. Estupidamente, escolhemos o mesmo dia que uma mão-cheia de outros alunos.

Ficámos todos de castigo, e no meu caso o castigo foi varrer o campo de basquetebol durante uma semana. Ao contrário das duas anteriores, esta experiência não me assustou, mas também foi importante porque me envergonhou. Detesto sentir vergonha.

Além disso, os meus pais ralharam comigo. Afinal, a minha educação representava um grande investimento. Naquela altura, não havia muitos pais-helicóptero (o tipo de pai que paira à volta dos filhos para os proteger). O professor tinha sempre razão, e tínhamos de fazer o que ele ou ela diziam. Fim de discussão. Hoje em dia, parece antiquado, mas a figura do «professor todo-poderoso» funcionou comigo.

Lição



Ensine as pessoas a respeitar a autoridade. Ao invés da mania de criar ambientes encorajadores, carinhosos

e protetores para, quem sabe, maximizar a autoestima, a criatividade e a confiança, o medo pode ser uma coisa boa. Às vezes o que é preciso é ouvir e obedecer, e não questionar e debater.

O Mundo Não É a Preto-e-Branco

Os meus pais inculcaram em mim, desde pequeno, os valores da honra e da honestidade. Aprendi que mentir, roubar ou fazer batota era uma vergonha. Mas este sistema de valores foi abalado no dia em que o meu tio favorito me levou a um armazém chamado Wigwam, há muito desaparecido, para comprar alguns parafusos para obras que estava a fazer em casa.

O meu tio abriu uma caixa de plástico, pegou em alguns parafusos e saiu da loja. Era um ladrão, e eu era cúmplice dele! A explicação que me deu para o que fizera foi que só precisava de alguns parafusos e não de uma caixa inteira, mas isso era errado na mesma.

À parte esse episódio, o meu tio sempre foi justo e honesto. Era o meu tio favorito porque me levava ao cinema e ao jardim zoológico. Ainda hoje tenho dificuldade em perceber porque é que roubou aqueles parafusos.

Lições



Reconheça que as pessoas não são boas ou más. Pessoas boas podem fazer coisas más e pessoas más podem fazer coisas boas. Isto também o inclui a si — há de fazer coisas de que se arrependerá. Assim sendo, a capacidade de lidar com contradições, paradoxos e descontinuidades é muito importante.

Esta capacidade é chamada «aintegração», um conceito criado por Jacob Lomranz, da Escola de Ciências Psicológicas e do Instituto Herczeg do Envelhecimento da Universidade de Telavive, e Yael Banyamini, da Escola Bob Shapell de Assistência Social, da Universidade de Telavive.

Pesquise este título para ler mais sobre «aintegração»: *The Ability to Live with Incongruence: Aintegration — The Concept and Its Operationalization*. A chave da integração é que evita que leve tudo até às últimas consequências, por vezes sombrias. No caso, isso seria este raciocínio: «Se o meu tio faz isto, então eu também posso fazer.»



Lembre-se de que tem influência sobre as pessoas que o rodeiam. Uma transgressão que lhe parece inconsequente pode contribuir para moldar os valores morais de outras pessoas sem que se aperceba disso — mas a bondade e a generosidade também podem ter esse efeito.

Confio em que se o meu tio tivesse consciência do impacto que aquele pequeno gesto iria ter em mim, teria comprado a caixa de parafusos.

O Pai É Que Sabe

Dan Feldhaus era um grande professor de Matemática e também o responsável pela orientação dos alunos para a universidade em 'Iolani. Deve ter visto algo de especial em mim, pois convenceu-me a candidatar-me a Stanford. Para minha grande surpresa, fui aceite. A única explicação é que no princípio da década de 1970 os americanos de origem asiática eram considerados uma minoria oprimida, e eu fui aceite graças à minha raça.

A minha média do secundário era de 3,4 e no SAT tive 610 em Matemática e 680 em Inglês. Eram resultados bons, mas não

espetaculares. Não tive tutores que me ajudassem a melhorar a média, nem consultores que me ajudassem a polir os ensaios de candidatura. Não visitei nenhuma universidade (nem sequer a Universidade do Havai, a pouco mais de três quilómetros de 'Iolani).

Em 2018, Stanford nem sequer olha para uma candidatura se a média for inferior a 4,2, se o resultado do SAT for inferior a 2400 e se o candidato não tiver conquistado um prémio Nobel por ter fundado uma ONG — a não ser que a família do candidato tenha doado um edifício à faculdade. Em 2018, eu nunca teria entrado em Stanford.

Não me interpretem mal: eu não era um desastre completo. Tinha ganhado o prémio do estudante-atleta em 'Iolani na turma de 1972. Também ganhei o prémio do atleta-estudante, que partilhei com um colega chamado Mufi Hannemann. (São dois prémios diferentes: um valorizava o desempenho académico, o outro valorizava o desempenho desportivo.) Mufi foi para Harvard, ganhou uma bolsa Fulbright e tornou-se o presidente da Câmara de Honolulu.

Fui aceite pela Universidade do Havai (UH), pela Occidental e por Stanford. (Candidatei-me a mais universidades, mas não me lembro delas!) Adorava jogar futebol americano, e podia ter jogado na Occidental, pelo que a minha preferência inicial era pela escola que se tornou famosa graças a Barack Obama. (Ao que parece, teve um B na cadeira de Política do professor Robert Boesche.)

Mas o meu pai decidiu por mim: «Se vou pagar tanto dinheiro, é para ir para Stanford. Ou então vais para a UH de graça. Não vou andar a pagar propinas para jogares futebol.» Lá se vai a ideia de incentivar a independência dos filhos. Fui para Stanford.

«Não vou andar a pagar propinas para jogares futebol.»

«Antes que pergunte, esta não é a minha autobiografia nem o meu livro de memórias. É uma compilação das histórias mais inspiradoras da minha vida.»

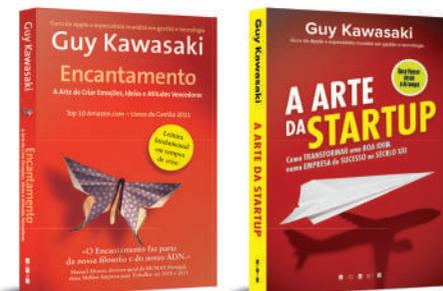


Guy Kawasaki tem sido uma figura de referência no mundo das tecnologias desde que integrou a equipa original da Macintosh na Apple, na década de 1980. Neto de imigrantes japoneses, nascido no Havai, é hoje amplamente respeitado enquanto fonte de sabedoria sobre empreendedorismo, capital de risco, marketing e doutrina empresarial.

Wise Guy, o seu livro mais pessoal até à data, dá-nos a conhecer o seu percurso surpreendente. Através de um conjunto de histórias sobre valores morais, aptidões empresariais e a educação dos filhos, Guy fala-nos de tudo: como conseguiu o seu primeiro emprego a sério na área da joalheria — que se revelou surpreendentemente útil mais tarde no mundo das tecnologias; como menosprezou um potencial parceiro da Apple instigado de forma traiçoeira por Steve Jobs; como reavaliou a sua importância depois de ser confundido por quatro jovens mulheres com o ator Jackie Chan; e como começou a surfar aos 62 anos — o que lhe ensina que é possível descobrir uma paixão em qualquer idade.

«Espero que as minhas histórias o ajudem a viver uma vida mais alegre, produtiva e com sentido. Se *Wise Guy* o conseguir, então essa será a melhor história de todas.»

Leia também, do mesmo autor:



<p>v o g a i s com todas as letras 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-989-4  9 789897 079894 Memórias</p>
--	--